

DIVERGÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES SAUSSURIANAS À LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA

DIVERGENCES AND SAUSSURIAN CONTRIBUTIONS TO FUNCTIONAL LANGUAGE

Renata Barbosa Vicente¹³

Cristina Lopomo Defendi¹⁴

Maria Célia Pereira Lima-Hernandes¹⁵

RESUMO: Este trabalho apresenta um breve panorama sobre algumas das ideias presentes no *Curso de Linguística Geral*, um legado deixado pelas anotações de aulas de Linguística dos discípulos de Ferdinand de Saussure. À luz da Linguística Funcionalista, retomamos algumas dessas ideias, tais como: sincronia e diacronia, analogia e reanálise e, por último, discutimos o papel da arbitrariedade do signo e da iconicidade. É objetivo precípuo analisar as contribuições de algumas concepções de Saussure para a Linguística Funcional, a fim de identificar conceitos com os quais acordamos ou conceitos com os quais dissentimos.

PALAVRAS-CHAVE: Curso de Linguística Geral. Estruturalismo. Funcionalismo.

ABSTRACT: This research presents a brief overview of some of these ideas the Course in General Linguistics, a legacy left by notes of Linguistics classes of disciples of Ferdinand de Saussure. Through the light of functionalist linguistics, some conceptions were revisited as: synchrony and diachrony, analogy and reanalysis; and finally, the sign and the iconicity arbitrarinesses. The main goal is to put in evidence the relevance of ideas from Saussure to the Functional Linguistics of the 20th and 21st. centuries in order to agree or discuss in disagreement to the concepts.

KEYWORDS: Course in General Linguistics. Structuralism. Functionalism.

1 Introdução

O genebrino Ferdinand de Saussure, além de ter estudado Física e Química, interessou-se pelos estudos das gramáticas grega e latina, fato que o projetou para uma das maiores contribuições no campo dos estudos de linguagem. Aprofundando-se nesse campo do conhecimento, ministrou três cursos de Linguística na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911. Após três anos de sua morte, seus discípulos reuniram as anotações de alunos que frequentaram os cursos para publicarem o *Curso de Linguística Geral* - CLG, uma obra obrigatória aos alunos dos cursos de Letras e de Linguística, principalmente. Precursor da Linguística Estruturalista, Saussure aborda a língua como um sistema definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantêm com os demais elementos.

Quando recorremos aos pressupostos de qualquer corrente teórica ou abordagem metodológica da Linguística, logo reconhecemos a importância de Saussure para a evolução do pensamento desse campo investigativo. Há os que mais de perto incorporam aspectos do

¹³ Doutora e Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente é Professora Adjunta da Unidade Acadêmica Cabo de Santo Agostinho (UACSA) pertencente à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: renatab.vicente@gmail.com.

¹⁴ Doutora e Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). É professora do quadro permanente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). E-mail: crislopomo@uol.com.br

¹⁵ Pós-doutorado na Universidade de Macau. Doutora pela Universidade de Campinas (Unicamp) em Linguística Teórica, Mestre pela Universidade de São Paulo (USP) em Filologia e Língua Portuguesa. Atualmente é professora e pesquisadora da USP. E-mail: mceliah@usp.br

CLG para aprimorá-los em novas interpretações, assim como há os que partem dos seus postulados como impulso para novos encaminhamentos. Indiferentemente do grupo em que se perfilam esses pesquisadores, absolutamente todos estão reverberando, conscientemente ou não, conceitos provenientes das memoráveis aulas de Saussure e, não diferente disso, a Linguística Funcional revisita alguns de seus pressupostos.

Neste trabalho, à luz da Linguística Funcionalista, retomamos algumas concepções abordadas no CLG, tais como: sincronia, diacronia, analogia e, por último, discutimos o papel da arbitrariedade do signo e da iconicidade. Nosso objetivo é evidenciar a relevância das ideias de Saussure para a Linguística Funcional, tanto empregando quanto alargando conceitos.

Reconhecemos a grandiosidade do CLG, no entanto seria audacioso tratar, neste espaço, de todos os conceitos abordados. Diante disso, optamos por apresentar na seção 2 alguns dos pressupostos básicos, priorizando aqueles que nos permitem dar conta do objetivo de nosso trabalho. Em seguida, na seção 3, tratamos de conceitos como sincronia, diacronia, analogia e arbitrariedade/iconicidade dialogando com a Linguística Funcional e, por fim, passamos às considerações finais em que sintetizaremos os principais pontos de convergências e divergências entre os campos funcionalista e saussuriano.

2 Alguns pressupostos básicos do CLG

As ideias de Saussure que ecoam fortemente entre diversos pesquisadores e estudantes dos cursos de Letras e de Linguística são principalmente duas:

- (a) a arbitrariedade do signo;
- (b) as dicotomias como característica estruturalista.

A realidade do discurso de Saussure presente nas anotações de seus alunos, embora contemple esses itens, transcende as compreensões que temos visto nas produções críticas sobre o eminente linguista. Cabe, então, revisitar suas ideias para delas extrair compreensões mais ajustadas ao que teria ele, segundo seus discípulos, proferido em seus cursos. Saussure, de fato, ministrou três cursos e deixou várias anotações. Sendo assim, dos livros o que se espera é que transpareça um pouco do que discutiu o linguista.

A obra intitulada Curso de Linguística Geral - CLG teve como organizadores Bally e Sechehaye. A despeito de se considerarem discípulos do grande linguista, na verdade não participaram sequer como ouvintes de nenhum desses cursos. O colaborador da obra Riedlinger contribuiu um pouco mais, justamente por ter estado presente a um dos seus cursos. O CLG serve de apoio de uma gama de linguistas tanto para ratificar conceitos quanto para criticar postulados em seus argumentos.

Segundo Saussure¹⁶, as tarefas da Linguística são três: (i) descrever e depreender a história das línguas, podendo, assim, reconstruir o ramo materno em sua família; (ii) identificar as forças universais das línguas, depreendendo leis gerais que deem conta dos fenômenos peculiares de sua evolução; (iii) distinguir de outros campos de estudo a Linguística em sua especificidade. Vale recordar que a concepção de língua atribuída a Saussure equivale a: um sistema que não conhece mais que sua ordem própria e peculiar. Isso fica ajustado quando retomamos suas ideias sobre o que seria esse objeto da Linguística:

- a) sílabas articuladas são impressões acústicas percebidas pelos indivíduos, mas são resultantes de estímulos fisicamente articulados;

¹⁶ Toda vez que citarmos Saussure, naturalmente estamos fazendo referência às palavras atribuídas a Saussure por seus alunos, que figuram como organizadores e publicadores das obras, respectivamente.

- b) o som é um material complexo, pois é instrumento do pensamento, não existindo por si mesmo;
- c) a linguagem é ao mesmo tempo individual e social;
- d) a linguagem implica um sistema estabelecido e sua evolução.

Esses fatores permitem concluir que absolutamente ninguém consegue oferecer a totalidade desse objeto priorizado pela Linguística, uma ciência complexa por natureza, posto ser a língua uma instituição social. A cada recorte que se faz, portanto, apreende-se uma realidade concreta, numa abordagem específica e numa orientação teórica adequada. E se quisermos compor essa complexidade num grau mais elevado de abstração, basta citar a definição contida no próprio curso: “produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua” (SAUSSURE, 1972, p. 33).

Um dos pilares do CLG consolida-se na concepção do signo linguístico, definido como o resultado da articulação de um conceito (que não é a coisa em si) e de uma imagem acústica (que não é o som em si). É como se pudéssemos fechar os olhos e imaginar o som de uma palavra de nossa língua materna. Esse exercício permitiria reconhecer a real acepção de imagem acústica. Nem o conceito tampouco a imagem acústica afastam-se de uma entidade psíquica. Essa é a sua natureza. Utilizemo-nos de seus rótulos estruturalistas: significado (conceito) e significante (imagem acústica). Essa combinação em relação aos sons físicos que reveste o signo se traduz arbitrária. Esse é o argumento de Saussure.

A arbitrariedade – ele esclarece – não indica que o significante depende do livre arbítrio do falante. Na verdade, equivale à ideia de “imotivado”, ou seja, não há motivação entre o significante e o significado. Funcionalistas e cognitivistas tentaram derrubar a ideia de arbitrariedade do signo ao descreverem o uso linguístico. Saussure não tratava dessa instância, mas, sim, da relação significado/significante, nada além disso. Por outro lado, ao abordar o hábito coletivo (convenções do uso) explicita com todas as letras que os signos se distribuem de modo diferente quanto à sua arbitrariedade¹⁷, ilustrando com as onomatopeias e as exclamações. Ora, não há contradição se considerarmos que Saussure não admitia que as onomatopeias, assim como as interjeições (exclamações), seriam elementos fora do sistema linguístico. Se essa concepção se alterar, o contrário poderá ser verdade. Uma vez ingressado no sistema linguístico, as regras do sistema se imporão, a dinâmica os incorporará e tudo o que restar desses usos, no futuro, também será lido como imotivado, dadas as alterações a que serão impostos. Essa é a razão por que Saussure considera esses dois fenômenos do uso como de importância secundária¹⁸. Estabelece-se, assim, o primeiro princípio: o da arbitrariedade do signo.

O segundo princípio explicitado pelo linguista é a linearidade do significante. São argumentos para essa proposição: (i) envolve uma extensão; e (ii) toda extensão pode ser mensurável. Considere-se, ainda, que não há outra forma de manifestação se não na linha do tempo, organizando elementos, sucedendo-se como numa cadeia. Essa é a lógica não apenas sígnica, mas da dinâmica de todos os seres: o do fazer, o do viver, o de se comunicar. Um som após outro, uma impressão após outra, uma imagem após outra. Ordenamento de fatos e coisas no universo do fazer e do pensar.

Outra lógica que guia a vida e igualmente a língua é sua mutabilidade nessa mesma linha do tempo. Aí se funda o princípio da continuidade ($A > AB > C$). Nada se altera sem que se sobreviva em parte na nova forma de manifestação. Essa é a lógica do signo, é a lógica da língua e do processo contínuo de se fazer gramaticalmente. Sua gradualidade é presente no que permanece quando a mudança se opera. Em termos de signo, não necessariamente se

¹⁷ “Pode-se, pois, dizer que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico” (SAUSSURE, 1972, p. 82).

¹⁸ “as onomatopeias e as exclamações são de importância secundária, e sua origem simbólica é em parte contestável.” (SAUSSURE, 1972, p. 84).

observa mudança na forma (escrita ou falada), mas, sim, na relação entre significado e significante, posto que são elementos psíquicos: “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (SAUSSURE, 1972, p. 91).

A força social opera para que essa mudança se efetive, no entanto, o princípio da continuidade impede que a liberdade seja desenfreada, é preciso que haja a intercompreensão. Esta se opera no tempo pela manutenção e continuidade de relações sígnicas.

Arelada à ideia de mutabilidade e de continuidade, a definição de analogia é dada pela existência de um modelo e de sua imitação. “Uma forma analógica é feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada”. (SAUSSURE, 1972, p. 182). Normalmente, a analogia serve para (re)estabelecer a regularidade, não só no campo dos sons, o foco nesta parte do CLG, mas, embora aí não comentado, de outros fenômenos linguísticos. Sustenta, ainda, que a analogia não pode ser considerada mudança linguística, pois nem sempre há a suplantação de um termo por outro analógico e arremata: “a analogia, considerada em si mesma, não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida” (SAUSSURE, 1972, p.193).

A adesão a essas premissas nos conduzirá a um outro problema apresentado no CLG: não existe um estado absoluto em que não haja mudanças. Assim, sincronia e diacronia se completam nos estudos. Não há a dicotomia ou autonomia de uma e outra abordagem, pelo menos não para o linguista: “Na prática, um estado de língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima” (SAUSSURE, 1972, pp. 117-118). Não há a regra do intervalo de tempo para mudanças. Elas operam gradativa e lentamente a depender da força do uso, que é social. Nos escritos, sincronia e diacronia são comparadas e descritas: enquanto a primeira apresenta regularidade, não é imperativa e seus sistemas são percebidos pela consciência coletiva, a segunda é vista como impositiva e atuante em termos que não formam um sistema entre si.

Discutir arbitrariedade sígnica e dicotomias de abordagens foram pontos de partida fundamentais na proposição muitas vezes mal compreendida que Saussure apresentou. A partir de seu legado, podemos assumir a língua como um sistema semântico, calcado em valores que se imprimem nas relações psíquicas de termos que se atualizam na instituição social. Na próxima seção, evidenciaremos que esses aspectos continuam vivamente presentes nos estudos sobre gramaticalização, no enfoque tanto de fatores funcionais quanto cognitivos. Esse encaminhamento permitirá reforçar os argumentos sobre serem gradação, mudança e continuidade princípios linguísticos fortes já desde os cursos ministrados por Saussure.

Essas ideias que aqui pinçamos da obra atribuída a Saussure foram um marco, em face da grande contribuição trazida aos estudos da Linguística. Semelhantemente, estudos funcionalistas, que envolvem discussões sobre os processos de gramaticalização, têm reverberado entre os cientistas da linguagem, trazendo sua cooperação. Reconhecendo a colaboração dos dois campos de estudos, avaliar pontos de convergência e divergência entre eles permite-nos construir um estudo analítico, conforme veremos na seção 3.

3 Concepções saussurianas à luz da Linguística Funcionalista

As concepções saussurianas representaram um grande legado para a ciência linguística, especialmente para a Linguística moderna. Seus estudos serviram a muitos pesquisadores, seja para referendar, seja para divergir de seus pensamentos, ou mesmo creditar parcialmente alguns de seus conceitos. Nas três subseções seguintes, revisitaremos conceitos do CLG como sincronia e diacronia, analogia e arbitrariedade/iconicidade, conciliando-os aos ensinamentos da Linguística Funcional.

3.1 Sincronia e diacronia

Partindo do pressuposto que, em diversas ciências, são feitos estudos levando em consideração tanto a perspectiva histórica quanto a descritiva de um estado, Saussure apresenta a necessidade de separar ainda mais essas duas abordagens no caso da Linguística e propõe a divisão em Linguística Evolutiva (que trate da evolução, do *eixo das sucessões*) e Linguística Estática (que trate dos estados da língua, do *eixo das simultaneidades*). A essas abordagens dá o nome, respectivamente, de diacronia e sincronia:

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase da evolução. (SAUSSURE, 1972, p. 96)

De acordo com o CLG, diferentemente dos neogramáticos que se baseavam na história das línguas e trabalhavam com a comparação evolutiva entre elas, a sincronia tem um valor mais importante e prevalece sobre a diacronia, pois, “para a massa falante, ele [o aspecto sincrônico] constitui a verdadeira e única realidade” (SAUSSURE, 1972, p.106) e afirma que para o linguista essa também é a regra, pois a abordagem diacrônica só permitiria perceber as modificações da língua.

Para os estudiosos de Gramaticalização, porém, é notório que a abordagem sincrônica não se limita a um estudo do “estado estático” da língua, e sim permite perceber também os usos diferentes e, por vezes, divergentes de um item/construção. Desse modo, é possível dissentir da ideia atribuída ao CLG, pois a percepção da *mudança* está presente na intuição, avaliação e mesmo decisão sobre o uso sincrônico que falantes fazem. Assim como no CLG, no entanto, linguistas proeminentes do século XXI defendem a combinação de ambas as abordagens:

Comparing grammatical categories across languages from only a synchronic perspective is something like comparing an acorn to an oak tree. They appear to have distinct and unrelated properties. Only when we observe these entities across the temporal dimension do we see the relationship between them. Similarly with grammatical categories and construction. New relationships are observable and categories come from and where they are going.¹⁹ (Bybee, 2003, p.151)

we cannot rigidly separate synchronic from diachronic analysis: all of modern sociolinguistics has confirmed the importance of reuniting the two. As with the language and cognition question, the synchrony/diachrony interrelationship has been seen in a more sophisticated framework.²⁰ (SWEETSER, 1988, p. 9)

¹⁹ Trad.: Comparando categorias gramaticais através das línguas somente por uma perspectiva sincrônica é algo como comparar o fruto do carvalho ao carvalho. Parecem ter propriedades distintas e não relacionadas. Somente quando nós observamos estas entidades através da dimensão temporal nós percebemos o relacionamento entre elas. Similarmente, o mesmo acontece com as categorias e as construções gramaticais. Novas relações tornam-se perceptíveis e podemos observar de onde as categorias vêm e para onde vão.

²⁰ Trad.: Não podemos separar rigidamente a análise sincrônica da diacrônica: todos os sociolinguistas modernos confirmam a importância de reunir os dois. Como em relação à questão da língua e da cognição, a interdependência sincrônica/ diacrônica tem sido vista em uma estrutura mais sofisticada.

É possível evidenciar, a exemplo de Sweetser (1988), a combinação dos trabalhos sincrônicos e diacrônicos, conferindo-lhes um estatuto metodologicamente mais sofisticado e valorizado entre os pesquisadores. Vários trabalhos atestam o benefício dessa combinação, dentre os quais citamos Lima-Hernandes (2005), Defendi (2008), Spaziani (2008), Sartin (2008) e Vicente (2009).

Como exemplo de incursão diacrônica, no que se refere ao estudo das reduplicações de morfemas, motivados pela necessidade de perceber se a reduplicação já acontecia até mesmo no latim, faz-se conveniente a seguinte ilustração que apresentou Romero (2005, p. 13):

Acompanhando a evolução da palavra *comigo* vemos que o processo inicial de mudança seguiu essa ordem [a saber: alteração sintática>alteração morfológica>alteração fonológica], pois foi o uso de *cum* posposto que gerou *mecum* (sintaxe), fazendo com que fosse percebido como parte integrante da palavra (morfologia). Essa nova forma sofreu um processo de fonologização que deu origem a *migo*. Porém, a mudança dessa forma para a atual *comigo* não começa pela sintaxe, pois foi a alteração semântica (motivada pela fonética) que fez surgir a necessidade de acrescentar *com*. Vale lembrar que em cantigas como *Ai, flores do verde pino*, de D. Dinis (1261 – 1336), coexistem as formas *comigo* e *vosco*, indicando que a mudança ocorreu inicialmente com *migo*, porque já não se podia perceber a forma *com*, como em *vosco*.

Com isso, ao comentarmos a redundância do ponto de vista diacrônico, é importante salientar que não só o falante atual não reconhece a presença repetida da conjunção *com*, mas também o usuário da língua do século XIII. Convém salientar, então, que a repetição ocorrida nesses pronomes citados só pode ser considerada redundância sob o ponto de vista diacrônico, já que o falante atual só reconhece a preposição *com* em uma das codificações sequenciadas.

3.2 A analogia e a reanálise

Segundo Saussure (1972, p. 187), “Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada”. Dessa forma, a analogia consistiria na aplicação de uma “proporção” ou equação tal como $A:B :: C:D$ (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 2003). A exemplo disso, temos a equação “beber : bebi :: fazer : fazi”, normalmente aplicadas por crianças ao paradigma de regularização verbal, no caso a conjugação dos verbos em “er” (beber / bebi, comer / comi, colher / colhi) também para o verbo irregular “fazer”. Sendo a analogia a extensão de uma regra a um caso atípico, um paradigma já conhecido e mais frequente na língua passa a ser aplicado a membros que, originalmente, atenderiam a outro paradigma.

Muitas são as intervenções analógicas na criação linguística conforme se pode perceber nos exemplos extraídos de Houaiss e Villar (2001): (i) *friorento* tem *or* por analogia com *calorento*; (ii) na linguagem infantil, temos *ele fazeu* [por analogia com *comeu, correu*]; (ii) a analogia interfere também no processo de formação de neologismos (por ex., a palavra *aidético* [omitindo-se o *s* que faz parte da sigla] foi criada provavelmente por analogia com *diabético, morfético*). Esses exemplos ilustram o seguinte comentário de Saussure (1972, p. 199): “... o efeito mais sensível e mais importante da analogia é o de substituir as antigas formações, irregulares e caducas, por outras mais normais, compostas de elementos vivos”.

A analogia, então, trabalha com a extensão de regras já conhecidas pelo falante. Ela leva ao aumento de frequência: quanto mais contextos de uso possíveis, mais o item tende a aparecer, ou seja, o aumento de *types* provoca o aumento de *tokens*, o que contribui para tornar a mudança visível. Todavia, a gramaticalização não acontece rapidamente como se as formas saltassem de uma categoria linguística à outra, mas sim se caracteriza por um

desenrolar lento e gradual, envolvendo estágios de alternância do tipo $A > A/B > B$ (HOPPER, 1998), em que emergem usos novos que são análogos, mas não idênticos aos pré-existentes. Ou seja, a cada etapa sucessiva, as formas diferem minimamente em função.

A reanálise, no que lhe diz respeito, consiste numa mudança de fronteiras de constituintes em uma expressão que faz a parte reanalisada resultar em uma categoria diferente da original, daí operar no eixo sintagmático. Na reanálise, há uma mudança na interpretação. Vários são os estudos que trabalham com a importância da reanálise para a gramaticalização de um item. Alguns chegam a afirmar que reanálise e gramaticalização são inseparáveis (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991:219, *apud* DETGES & WALTEREIT, 2002); outros afirmam que a reanálise é o mecanismo mais importante da gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 1993:32, *apud* DETGES & WALTEREIT, 2002); e outros, ainda, sugerem até que não há necessariamente envolvimento de um processo no outro (HASPELMATH, 1998: 315, *apud* DETGES & WALTEREIT, 2002).

Para definir reanálise, é preciso considerar que ocorre uma mudança estrutural de uma expressão, sem ocorrerem mudanças na manifestação do item. A reanálise está ligada a uma estratégia de interpretação, como se houvesse a mudança de “parênteses” ou “colchetes”, como utilizamos aqui, na compreensão de um item. Como exemplo, recorremos ao estudo de Defendi et alii (2008): [correr] [atrás do ônibus]; [correr atrás] [da promoção]. O que aparece nesses exemplos é a mudança de interpretação dos itens, motivada pela reconsideração dos limites estruturais, das fronteiras de constituintes sintagmáticos.

Segundo Detges e Waltereit (2002), a reanálise está centrada na interpretação que o ouvinte faz de um enunciado e a gramaticalização, por sua vez, está centrada no falante e nas técnicas discursivas por ele utilizadas. Para os autores, a reanálise pode ser considerada tendo em vista dois princípios cognitivos: (i) o princípio da referência (ligado a contato linguístico, leva em conta a intenção comunicativa extralinguística); e (ii) o princípio da transparência (ligado à percepção da relação entre forma e significado, semelhante à analogia: “identical functions should be expressed by identical forms and vice versa”²¹ (DETGES e WALTEREIT, 2002, p. 152). Eles afirmam, também, que na reanálise a relação semântica entre a velha e a nova estrutura é usualmente metonímica, poucas vezes taxionômica e nunca metafórica.

3.3 Um olhar sobre a iconicidade

Linguistas, tais como Furtado da Cunha et alii (2003), Martelotta e Areas (2003) e Lima-Hernandes (2011), discutiram os pressupostos do funcionalismo, envolvendo a atuação do princípio de iconicidade e dos mecanismos de gramaticalização. Com base nos estudos funcionalistas, a iconicidade é definida como a correlação natural e motivada entre forma e função, ou seja, entre o código linguístico e o conteúdo (FURTADO DA CUNHA, 2008); (NEVES, 2004), colocando em questão o preceito da arbitrariedade, proposto no CLG, pois, segundo sua percepção, haveria a dissociação, no signo linguístico, do significante em relação àquilo que ele evoca conceitualmente, o significado.

Embora iconicidade e arbitrariedade sejam comumente referidos como conceitos divergentes, no funcionalismo, integrariam um mesmo *continuum* criativo da linguagem, pois – e isso até Saussure reconhecia – variadas noções são recrutadas de um e de outro modo (plasmadas em uma forma pré-existente; e criadas arbitrariamente) em diacronia e sincronia. O processo de gramaticalização, podendo alcançar um estágio de absoluto esvaziamento semântico da forma linguística, conduz a um possível apagamento da forma gramaticalizada em grau máximo, o que só pode ser atestado diacronicamente:

²¹ Trad.: funções idênticas seriam expressas por formas idênticas e vice-versa.

[gramaticalização é] o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre e até desaparece como consequência de uma cristalização externa. (CASTILHO, 1997, p.31)

A despeito disso, é preciso lembrar que a sincronia representa fases da diacronia e, assim sendo, também se constitui *locus* importante para a observação da dinâmica linguística em sociedade.

A iconicidade é entendida como a correlação existente entre forma e sentido por ela expresso e, por isso, contradiz a hipótese de arbitrariedade proposta por Saussure. O que podemos afirmar, no entanto, é que se a escolha de um significante para se aliar a um significado é arbitrária, muitas outras relações não o são. Um exemplo classicamente citado de relação icônica é o da narrativa, que (na maioria das vezes) adota a sequência dos fatos ocorridos na realidade como modelo para a organização das informações no texto. Dessa forma, a iconicidade se manifestaria também na estrutura da frase ou do texto.

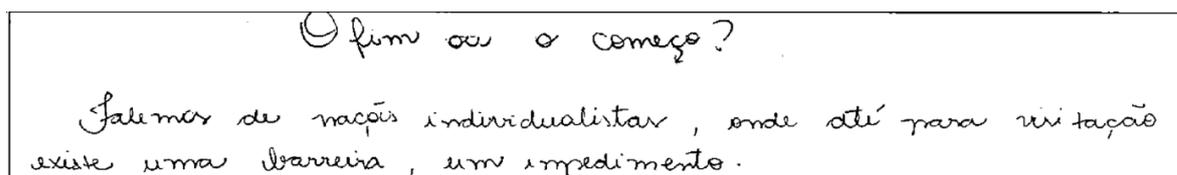
A iconicidade coloca emparelhados o código linguístico (expressão/forma) e seu significado (conteúdo/função). É por isso mesmo concebida como uma solução cognitiva para a relação de um para um, pois permite reconhecer que, quanto mais complexo o pensamento, mais complexa será a expressão. Por outro lado, quanto mais simples o pensamento, mais simples serão os mecanismos morfológico e gramatical pelos quais se expressam.

O filósofo Pierce (1940, *apud* MARTELOTTA, 2003; NEVES, 2004) estabeleceu dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A primeira refere-se à relação de espelhamento entre o item e seu referente. Essa imagem espelhada corresponderia a pinturas e esculturas. Já a diagramática corresponderia a um arranjo icônico de signos, sem necessária semelhança entre forma e função.

São três os subprincípios mais abordados de iconicidade, a saber:

(i) *Subprincípio da quantidade*: quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma. Em Martelotta (2008, p. 83) aparece o seguinte exemplo: “Quando eu era pequena... eu ficava brincando com aquele disquinho que era... aí eu amarrei... fiquei **rodando... rodando... rodando...** aí fiquei tonta”. Segundo o pesquisador, esse exemplo demonstra a relação entre a quantidade de tempo (da ação) e a quantidade de material linguístico (repetição do verbo). Assim, reflete uma relação entre motivação de sentido e a forma utilizada. Ilustramos agora esse princípio com excertos de redações vestibulares. Observemos os exemplos:

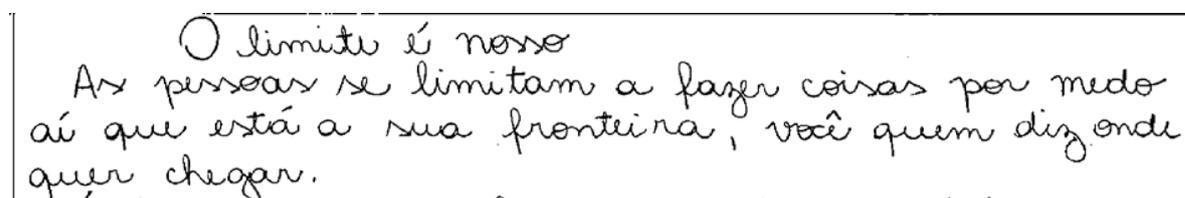
Exemplo (1) de parágrafo de introdução



O fim ou o começo?
Salemas de nações individualistas, onde até para visitação existe uma barreira, um impedimento.

Fonte: Fuvest 2009

Exemplo (2) de parágrafo de introdução



O limite é nosso
As pessoas se limitam a fazer coisas por medo
aí que está a sua fronteira, você quem diz onde quer chegar.

Fonte: Fuvest 2009

Os parágrafos de introdução de redações (1) e (2) mostram que seus autores (candidatos ao vestibular) sentem-se na presença do interlocutor e fazem da produção escrita uma conversa, ou seja, uma situação de face a face. Também é possível notar, ainda nesses exemplos, a atuação do subprincípio da *quantidade*, pois ao apresentar apenas um período, em vista do pequeno número de orações, da organização sintática direta que segue a estrutura Sujeito – Verbo – Complemento (SVC) e do pouco contexto semântico que trazem ao interlocutor, percebemos a simplicidade do pensamento, ou seja, quanto menos complexo, menor quantidade de material linguístico. Agora, tomemos por base os parágrafos abaixo:

Exemplo (3) de parágrafo de introdução

Liquefação Social

Em sua obra "Modernidade líquida", o sociólogo Bauman retrata o esfacelamento do tecido social e suas consequências no âmbito dos relacionamentos humanos através da metáfora da liquefação das relações interpessoais, da subjetividade e da liberdade do indivíduo. Tudo decreta-se irreversivelmente, tornando, paradoxalmente, a amorfabilidade do estado líquido. Analisando esse contexto atrelado à conjuntura atual, nota-se que, assim como é descrito pelo pensador polonês, as relações sociais tornam-se cada vez mais líquidas. Gradativamente, prevalectem valores como o egoísmo, em detrimento de outros como a solidariedade.

Fonte: Fuvest 2011

Exemplo (4) de parágrafo de introdução

O homem e a superação à sua fronteira: fronteiras

Em 1750, quando Portugal devolveu Sacramento à Espanha e em troca se apassou das terras à oeste de Tordesilhas, a parte majoritária da fronteira brasileira se definiu. Outro tratado de relevância, além do supracitado Tratado de Madri, é o de Petrópolis, o qual nos rendeu o lere. Hoje, em grito retumbante, proclamamos a externa fronteira em que vivemos a soberania nacional. Ironicamente, nesta época de fronteiras definidas, uma operadora de telefonia adotou o slogan "coisar sem fronteiras". Rique superação e aforisma remete?

Fonte: Fuvest 2009

Começamos pelo número de períodos apresentados nos exemplos (3) e (4), temos quatro e cinco períodos respectivamente, um grande número de orações no mesmo parágrafo, na organização sintática ambos foram iniciados com elementos acessórios da oração e, finalmente, o contexto semântico é bastante ampliado à medida que cada oração colocada no parágrafo aumenta a compreensão que vai se produzindo ao longo do texto. Enquanto em (1) e (2) temos menor quantidade de informação e menor quantidade de forma, o que significa que aquilo que é mais simples se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo, em (3) e (4), tivemos exatamente o contrário, maior quantidade de informação e forma e, conseqüentemente, uma expressão mais complexa do mecanismo morfológico e gramatical.

(ii) *Subprincípio da integração* (proximidade ou distância): conteúdos mais próximos cognitivamente estarão mais integrados na codificação. É possível perceber a *integração* dos conteúdos que se dá tanto no âmbito semântico quanto sintático, de forma que não

conseguimos sequer separar sintaxe de semântica, ou seja, a integração é tão intensa, que se incorreremos na mudança da estrutura sintática, podemos também incorrer na mudança de sentido, e até mesmo num entendimento equivocado em relação ao sentido que o autor do texto gostaria de trazer. Ao observar o exemplo (4) vemos que Portugal (1ª oração) é sujeito do verbo se apossar (2ª oração). A expressão “outro tratado” integra-se com “supracitado tratado de Madri” que por sua vez retoma o apossamento das terras de Tordesilhas. A proximidade dos elementos que se articulam reforça mais o subprincípio da integração

Outros exemplos do subprincípio de integração são: (a) a tendência de manter os modificadores restritivos perto de seu núcleo nominal (cf. MARTELOTTA, 2008, p. 83), (b) duas construções quase-sinônimas com diferença em distância linguística também serão diferentes quanto à distância conceptual (cf. CROFT, 1990, *apud* NEVES 2004, p. 107) e (c) a distância linguística no interior da palavra corresponde ao grau em que a semântica do afixo afeta a palavra (cf. BYBEE, 1985, *apud* NEVES 2004, p.83).

(iii) *Subprincípio da ordenação linear*: a ordem de importância dos enunciados é respeitada na enunciação e/ou a sequência cronológica das ações descritas é obedecida no momento de recontar a realidade. Como exemplo, ao recontar como foi o dia de trabalho, seguimos normalmente a sequência real dos acontecimentos.

O exemplo (4) também nos serve para compreender o subprincípio de ordenação linear. Nele, podemos perceber que ao descrever os eventos o autor atende a sequência temporal em que os fatos aconteceram, historicamente primeiro aconteceu o tratado de Madri, depois o de Petrópolis até chegar nos eventos dos dias atuais, apresentado no texto pela expressão temporal “hoje”.

Com essa breve exposição, realizamos um estudo analítico de como alguns conceitos discutidos nas aulas de linguística de Saussure, ainda hoje, são amplamente pesquisados e como puderam divergir ou contribuir com os estudos da linguagem, especificamente no âmbito da Linguística Funcional.

4 Considerações Finais

Saussure, de fato, deixou um grande legado para a Linguística. A teoria saussuriana serve de apoio a uma gama de linguistas tanto para ratificá-la em seus conceitos quanto para criticá-la em seus argumentos.

Para os estudiosos funcionalistas, a dicotomia sincronia e diacronia contribui como método de investigação. Entretanto, reconhecemos que a abordagem sincrônica não se limita a um estudo do “estado estático” da língua, pois também permite perceber os usos divergentes de um item/construção. Desse modo, dissentimos de Saussure, uma vez que a *mudança* também é possível na pesquisa sincrônica. Além disso, nas formas atuais permanecem traços antigos, permitindo a percepção de uma continuidade.

A analogia, por sua vez, trabalha com regras já conhecidas pelo falante. Todavia, os funcionalistas explicam, por meio de processos de gramaticalização, que as formas de uma categoria linguística não saltam à outra rapidamente, mas de forma lenta e gradual, envolvendo estágios de alternância do tipo $A > A/B > B$ (HOPPER, 1998), em que emergem usos novos que são análogos mas não idênticos aos pré-existentes. Há também a possibilidade de incorporação do valor funcional de elementos informacionais avizinados ou geograficamente localizados, gerando processos de reanálises derivados do contexto de uso. Isso guarda semelhança com o princípio da linearidade e do ordenamento, propostos por Saussure.

Por último, temos no princípio da iconicidade a correlação existente entre forma e sentido por ela expresso, fato que contradiz a hipótese da arbitrariedade saussuriana.

Entendemos que se a escolha de um significante para se aliar a um significado é arbitrária, muitas outras relações não o são.

Com este estudo, esperamos realizar uma aproximação, ainda que breve, entre ideias de Saussure e as pesquisas amparadas pelo Funcionalismo, mais precisamente com alguns conceitos recrutados para pesquisas em gramaticalização.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. Cognitive process in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. **The new psychology of language – vol 11** – New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2003, p. 145-167.
- CASTILHO, A.T. “Língua falada e gramaticalização”. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n.º1, 1997, p.107-120.
- DEFENDI, C. L. A reduplicação no português culto falado em São Paulo: possível gramaticalização? Dissertação de Mestrado. SP: FFLCH/USP, 2008.
- _____, SPAZIANI, L., VICENTE, R. B. e CACCIAGUERRA, V. Advérbios em foco: atrás, afinal, onde e fora sob a perspectiva da teoria multissistêmica. IN: CASTILHO, A. T. (org.). **História do Português Paulista** – Série Estudos. Campinas: IEL/Unicamp, 2008. (V.1).
- DETGES, U. e WALTEREIT, R. **Grammaticalization vs. reanalysis: a semantic-pragmatic account of functional change in grammar**. Universität Tübingen Zeitschrift für Sprachwissenschaft, vol. 21, 2002, p. 151-195.
- FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.
- _____; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Ed.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003. p. 29-55.
- HOPPER, P. J e TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2º ed. New York: Cambridge, 2003.
- _____. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. v. 1, p. 155-176.
- HOUAISS, A., VILLAR, M.S; **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- LIMA-HERNANDES, M. C. P. **A interface Sociolingüística / Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia**. Tese de doutoramento. Campinas: Unicamp, 2005.
- MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.
- _____; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003. p. 17-28.
- NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROMERO, N. **Abordagem multissistêmica dos itens com e sem: contribuição à história do Português Brasileiro**. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP. São Paulo, 2005.

SARTIN, E. B. de G. **Gramaticalização orações para mais infinitivo no Português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. SP: FFLCH/USP, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística General**. Publicado por Charles Bally y Albert Sechehaye con la colaboración de Albert Riedlinger. Traducción, prólogo y notas de Amado Alonso. Tradução a partir do original francês. Buenos Aires: Editorial Losada, 1967, 6ª edição. 1ª edição de 1945. 378 p. (inclui índice onomástico)

_____. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein realizada a partir da edição francesa publicada pela Editora Payot. Prefácio de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora Cultrix, 1972, 4ª edição. 279 p. (inclui índice onomástico)

SPAZIANI, L. **A gramaticalização do item fora no Português do Brasil: a unidirecionalidade do processo**. Dissertação de Mestrado. SP: FFLCH/USP, 2008.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics – metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

VICENTE, R. B. **Mudança Gramatical da Palavra a final e sua Gramaticalização num Contraste entre Variedades Linguísticas: -Português do Brasil e de Portugal**. Dissertação de Mestrado. SP: FFLCH/USP, 2009.

Submetido em 28/07/2016

Aceito em 08/10/2016